

espécie de Paul Cézanne (pintor francês 1839-1906) da nossa poesia. Como Cézanne, ele se aproximou dos próximos — no caso de Cézanne, dos impressionistas, e, no seu, dos modernistas — mas guardando sempre distância. E na coisa dele, de certo modo, estavam traços da visão cubista da realidade, traços da visão surrealista, da montagem surrealista,

ou seja, traços da poesia perto do cotidiano, que dominou amplo setor de nossa poesia, da nossa música etc. Enfim, ele é um poeta-chave para se entender a literatura moderna do Brasil. E, ao mesmo tempo, é um homem que traz consigo a tradição, de Camões, da poesia trovadoresca etc. Quer dizer, um homem fundamental na literatura brasileira.



Bico-de-pena de Luis Jardim, 1962 (Coleção Gabriel Athos Pereira)

*Manuel Bandeira*

## NOTAS SOBRE O ANIMADOR \*

Antonio Faundez \*\*

Nos inúmeros diálogos que tenho mantido, nas Universidades ou comunidades, com grupos de animadores e com participantes, da África ou América Latina, na educação de adultos, uma questão foi frequentemente levantada. Trata-se de saber quais são as características gerais do animador e quais são as contradições nas quais ele exerce o seu papel e efetua o seu trabalho.

Já tive ocasião de dizer, então, e gostaria de repetir aqui, que é quase impossível dar os traços gerais de um animador, pois ele age, a cada vez, em realidades diferentes, caracterizadas mais pela diversidade do que pela uniformidade. Essa diversidade influencia fortemente a prática e a teoria do animador. Ela exige dele a adaptação às suas necessidades específicas. Ele é, portanto, modelado pela sua história, sendo esta também

\* Tradução Lígia Chiappini Moraes Leite, USP.

\*\* Filósofo de formação, com quase dez anos de prática na educação de adultos em países da América Latina e África, atualmente secretário de IDEA (Institut pour le Développement et l'Éducation des Adultes), em Genebra, Suíça.

Com várias publicações no Exterior, tem no Brasil um livro com Paulo Freire, além de alguns artigos em revistas. O presente texto, tendo como ponto de referência concreto a experiência na formação de animadores em países que visem a um processo revolucionário, pode, mesmo assim, guardadas as devidas diferenças e especificidades, ser útil à reflexão sobre educação popular e sobre a formação de animadores no Brasil de hoje.

modelada pela história coletiva do seu povo e vice-versa. Isso significa que sua história modela a história coletiva do seu povo ou, ao menos, deveria fazê-lo. Assim, seu papel sócio-histórico não pode definir-se a não ser em relação ao contexto histórico no qual ele trabalha e luta. Pois o contexto histórico é eminentemente político. Constitui-se pelo viés da luta política, à medida em que o processo contraditório dos diálogos e dos conflitos gira em torno do poder. Essa luta política é, ao mesmo tempo, o resultado da injustiça que impera, quase sempre, na realidade, e o processo através do qual ela se manifesta.

A luta política divide a sociedade reproduzindo-a, em todas as suas contradições, mas permite igualmente a elaboração de uma prática e de uma teoria a partir das quais é possível vislumbrar mudanças na realidade, a fim de criar, na própria luta, uma outra sociedade mais igualitária e mais solidária.

O animador age, portanto, no meio das contradições reais que ele deve aprender a superar, ou ao menos tentar fazê-lo, mas sempre com o povo, a fim de transformar a realidade e, assim, transformar-se.

Apesar da influência que exercem sobre o animador a diversidade das lutas e das realidades, aventuro-me a propor certas características que poderão eventualmente ser consideradas como pontos de referência, como fios condutores para uma atitude, um saber e um *savoir-faire*, da conduta a adotar face à educação, ao desenvolvimento, à política, à justiça, à solidariedade, e outros. O animador ele próprio é, de certo modo, um processo, na medida em que as características do seu trabalho não são mais do que ideais a atingir. Pode-se dizer que o animador não é jamais ele mesmo, mas é um ser "em devir", é um ser transformando-se em um animador, ou prestes a tornar-se um bom animador. Por isso, devemos considerar os aspectos gerais que evoco aqui unicamente como um guia ou como um alvo.

Mas é preciso compreender que essa atitude prática e teórica não deve ser uma tentativa individual, sendo, ao contrário, parte de um processo coletivo no qual tanto o animador quanto o povo se tornam animadores da sua própria história.

## 1. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DOS ANIMADORES

### a) *Curiosidade*

O animador deve ser um curioso, um eterno pesquisador, disposto a descobrir a realidade sem esmorecimento ou desânimo. Capaz de espantar-se a cada instante e, para isso, questionar o mundo como a criança que o interroga com seus gestos e mãos. Necessita descobrir esse mundo a cada minuto, como se ele próprio e o universo estivessem acabando de nascer ou renascer. Tudo deve chamar sua atenção, a natureza e a sociedade, mas tem que ter presente na memória o objetivo superior da sua trajetória: a compreensão da realidade natural e social, devendo desembocar numa revolução, numa transformação dessa realidade, em proveito dos homens e mulheres, mas, antes de mais nada, em proveito dos mais desprovidos e dos mais oprimidos com os quais ele comparte suas lutas e seus sonhos.

### b) *Espírito crítico*

O animador deve ter o espírito crítico, face à realidade objetiva e, também, face à realidade subjetiva. Face à REALIDADE, no seu conjunto, que é essencialmente objetiva-subjetiva. Ser crítico, portanto, não só dos fatos históricos mas de como homens e mulheres se apropriam da realidade e a transformam.

Tal relação crítica para com o mundo deveria permitir-nos ultrapassar o nível das aparências, a fim de escapar ao pseudo-concreto, desvelando a realidade na sua essência, no que ela tem de mais profundo e de verdadeiramente concreto. O concreto verdadeiro sendo formado da aparência e da essência.

Para apropriar-se da realidade histórica, homens e mulheres deveriam ter uma atitude crítica permanente, a fim de descobrir e transformar o mundo simultaneamente, segundo um movimento em espiral, no qual aparência e essência se manifestam de modo complementar e não antagônico; no qual o passado e o presente são, de certo modo, ultrapassados e superados; no qual o objetivo e o subjetivo se interpenetram a fim de permitir uma verdadeira transformação da realidade. Só assim, poder-se-á criar uma nova realidade, não mais real,

mas mais livre e mais conforme à humanidade e ao humanismo. O conhecimento e a prática devem ser críticos a fim de criar e recriar de modo permanente a realidade, contribuindo, desse modo, à sua transformação permanente.

#### c) *Espírito político*

O animador tem que ser um homem ou uma mulher "político(a)". Todo homem e toda mulher é um ser "político". O fato de viver em sociedade exige deles que participem na vida comunitária, e, assim, na vida política, na vida em sociedade. Seja essa participação ativa ou passiva. Impossível escapar a esse dado: o homem (a mulher), enquanto indivíduo, vivendo em sociedade, é um "animal político".

Assim, o animador, a animadora, deveriam estar sempre conscientes dessa participação na vida política, de sua participação ativa em todas as atividades humanas e da dimensão "política" dessas atividades.

As atividades humanas giram em torno do poder e da participação. Será necessário, portanto, que o animador seja não somente um homem ou uma mulher "políticos" na vida social e na realidade histórica, mas que, além disso, tenham esse espírito político, no interior mesmo do processo educativo. É preciso, portanto, aprender a tornar-se um ser político na luta social e na luta educacional, que, aliás, não são senão dois aspectos diferentes de um mesmo processo. Seu empenho e cuidado deverão recair sobre as transformações a realizar, a fim de eliminar as injustiças e dar lugar a uma sociedade mais solidária, mais livre e democrática. Ser-lhe-á necessário engajar-se na luta do seu povo para suprimir a opressão e a exploração. Seu papel será ao lado dos pobres, pois são eles que se interessam pelo desenvolvimento e a luta contra o analfabetismo. É, com efeito, essa a única coletividade que deseja verdadeiramente mudar a realidade a fim de adquirir um verdadeiro estatuto de ser humano.

#### d) *Espírito democrático*

Cabe ao animador adquirir um real espírito democrático, no seu saber ser e no seu saber-fazer. Nesse sentido, a palavra

participação é uma palavra-chave. Será preciso aprender a participar em todas as atividades que permitam crescer a democracia, não somente na vida social e quotidiana, mas, sobretudo, no processo educativo. Para isso, o animador deve aprender a participar a título individual, sem nunca perder de vista a coletividade à qual ele pertence. A democracia deveria ser um ayo, mas deveria ser sobretudo um processo. Penso, por isso, que devemos enfatizar o processo mais que o resultado nele mesmo. Considerar que o resultado é ele próprio um processo. A democracia não é uma aquisição imutável, mas um fato em devir que deve desenvolver-se, ou antes, que deve ser desenvolvido pelos homens e mulheres de modo permanente, a partir de um processo de criação permanente. Aliás, como em qualquer parte, não há modelo de democracia. Há antes certas aquisições que é preciso constantemente manter ou recriar.

Importa, pois, recusar toda a espécie de autoritarismo que impeça a participação ativa nas diferentes atividades educacionais, notadamente naquelas que dizem respeito à tomada de decisões.

#### e) *Criatividade*

Nesse sentido, o animador deveria necessariamente ser um criador. Não contentar-se em aceitar, sem examinar, os dados impostos pela sociedade e pelo sistema educativo. Conceber a vida e a história não como um fato já traçado e imutável, sobre o qual não se tem nenhum meio de agir. Mas tampouco imaginar que a história é unicamente dependência da vontade exclusiva de homens e mulheres.

Por outro lado, é necessário compreender que, mesmo se a nossa influência sobre a história e nossa capacidade de transformar a sociedade é limitada, somos impelidos a sonhar, numa certa medida, e de crer sempre nas nossas possibilidades de mudar e criar a vida social. Será preciso tornar-se uma espécie de poeta social e histórico, um artista, que crê nas possibilidades criativas dos homens e mulheres, para fazer a vida, e refazê-la, tendo a consciência de que nossa liberdade é limitada por dificuldades objetivas e subjetivas. A liberdade, sendo consciência da necessidade, é e deve permanecer sendo a liber-

dade de propor sonhos realizáveis, tanto no tempo quanto no espaço, com a consciência de que mesmo se os sonhos são irrealizáveis, num momento determinado da história, podem tornar-se realizáveis num outro momento.

O animador deveria compreender que o fato de participar e de animar um processo educativo é essencialmente um ato criador, não redutível à mera transmissão de conhecimento, mas, verdadeiramente, um processo de criação de conhecimento. Educar não é, pois, transferir um saber, não é tampouco uma imitação do saber, mas é, antes de tudo, e sobretudo, processo criador: de conhecimento, de uma pedagogia; e de uma sociedade democrática, livre e solidária.

#### f) *Espírito audacioso*

É indispensável que o animador seja audacioso. Não devendo confundir-se com a marcha natural da história, nem aceitar sem crítica as diferentes concepções do mundo sobre o ser humano, sobre as relações sociais, e sobre a relação entre o ser humano e a natureza. Recusar, ainda, as idéias que incitam a mistificar a sociedade, a partir de uma ótica que falseia nosso conhecimento e nossa ação sobre a realidade. E, sobretudo, esforçar-se por buscar com seu povo, e propor com ele novas alternativas; em uma palavra, ousar, sem ter medo de cometer erros.

É certo que é sempre preferível evitar cometê-los. Entretanto, não deveríamos tomar o erro como inimigo principal da teoria e da prática. O erro, se tem um lado negativo, comporta também elementos positivos. Na medida em que opomos à primeira negação — o erro — uma nova negação — a superação do erro — chegamos a um resultado positivo. A negação da negação é o motor que permite avançar, e devemos considerá-la também como uma força positiva. Para ultrapassá-la, é preciso ser audacioso, como todo ser que inventa e cria.

#### g) *Simplicidade*

A simplicidade deverá ser uma característica essencial do animador. Mas simplicidade não quer dizer simplismo, isto é,

deformação da teoria e da prática sob o pretexto de torná-los mais compreensíveis. Simplicidade deve ser, ao mesmo tempo, o processo e o resultado, permitindo tornar a realidade mais compreensível, mostrando o essencial nela, numa linguagem acessível que permita administrá-la de modo mais eficaz.

As atividades pedagógicas, políticas, ou aquelas de desenvolvimento — como, aliás, separar todas essas atividades? — assim como as reflexões a seu respeito devem ser claras e simples. A praxis não deve, com efeito, confundir-se com nada que possa parecer “complicado”. Não deveria haver aí identificação do saber com algo complicado, confuso e desordenado. O saber deve ele próprio ser simples, tanto o saber fazer quanto o saber ser, que não são senão um só e mesmo saber. A clareza, pois, e a simplicidade devem ser um ideal a atingir pelo animador, nessa aventura com o povo, destinada a criar uma nova pedagogia, uma nova democracia e uma nova sociedade.

#### h) *Sinceridade*

Dizer a verdade é um imperativo para o animador. Só ela é revolucionária. Só ela é capaz de nos permitir avançar na elaboração de uma realidade social, oferecendo ao homem e à mulher condições que lhes permitam desenvolver-se social e individualmente. Ser sincero, primeiro consigo mesmo para ser sincero com os outros. Isso nos impõe uma crítica permanente do nosso trabalho e da nossa maneira de ser. Ser sincero na nossa vida quotidiana, que não deveria distanciar-se da nossa vida de trabalho e da nossa ação política e social. Reconhecer nossas fraquezas, tanto sobre o plano humano quanto sobre o plano intelectual e prático, transformando isso em uma força profunda que nos permita continuar a luta de modo mais eficaz, com mais ardor e convicção. Só a sinceridade nos tornará capazes de ultrapassar nossas insuficiências teóricas e práticas e aprofundar nossa relação com o trabalho e com todos os participantes da comunidade, num clima de confiança e esperança. Aprender a olhar a realidade cara a cara é um imperativo essencial na luta social e política.

### i) *Modéstia*

Uma outra característica essencial do animador deveria ser a modéstia. A arrogância deveria apagar-se para sempre daquele que se encarrega de levar a cabo esse gênero de tarefa social que é a animação do trabalho pedagógico e político numa comunidade. Todo animador deve saber — sabendo que ele cumpre um trabalho cultural e social de primeira importância na luta contra a injustiça e a opressão — que sua ação não terá sucesso sem a participação ativa e consciente do conjunto da comunidade no processo pedagógico. Sabendo-se possuidor de um certo conhecimento teórico e prático, deve saber ainda que isso não é unicamente atributo seu, e que todo ser social tem também certos conhecimentos práticos, teóricos, sociais, sem os quais uma transformação da realidade seria impossível.

Precisamos admitir que nosso conhecimento não tem significação científica ou social sem a relação permanente e estreita com os outros conhecimentos do conjunto da sociedade, pois o saber é um saber social. Trabalhar para uma nova sociedade, com os grupos sociais mais desprovidos e mais oprimidos; significa antes de tudo valorizar o saber teórico e prático que o povo possui, e reconhecer que, sem esse saber, é ilusório pretender mudar o que quer que seja na sociedade.

É verdade que todo conhecimento comporta aspectos negativos. Devemos começar por reconhecer esses aspectos, a fim de reconhecer, ao mesmo tempo, os aspectos negativos dos outros saberes, que, de fato, não devem constituir senão um só saber. É igualmente certo que todo saber comporta também aspectos positivos, tanto aquele que nos pertence quanto o que pertence ao povo. É no diálogo e na crítica permanentes, sempre conservando uma atitude modesta, que nossos conhecimentos poderão criar um novo conhecimento liberado dos aspectos negativos. Que dará nascimento a um outro conhecimento, permitindo compreender melhor a realidade, para melhor controlá-la. O “sentir” do povo deve “humanizar” o conhecimento “científico”, e nosso conhecimento “científico” deve igualmente se transformar num conhecimento capaz de aprender a realidade na sua complexidade e a transformá-la eficazmente. Só a modéstia nos permitirá continuar a aprender a aprender, o que se constitui num princípio essencial da pedagogia liberadora.

## 2. ALGUMAS TENSÕES QUE O ANIMADOR DEVERIA ULTRAPASSAR

Assim como não tive a pretensão de dar uma lista exaustiva das características essenciais do animador, não pretendo tampouco esgotar as contradições — que também são essenciais — entre as quais o animador age. Contradições que é necessário ultrapassar. São tensões que o animador encontra, tensões que o acompanham e o cercam, num trabalho fundamentalmente “dialogista” mas também “conflitual”. Cabe-lhe, portanto, aprender a dialogar e sobretudo a trabalhar e a viver, levando em conta os conflitos que será preciso superar a cada instante.

Eis, a título de exemplos, algumas das tensões que acabo de evocar:

### a) *Teoria e prática*

Uma das tendências mais freqüentes é a de encarar essa tensão segundo um ou outro de seus extremos. Põe-se o acento sobre a prática ou sobre a teoria. Essa dicotomia absoluta faz com que se mistifique um ou outro pólo da tensão, sem resolver verdadeiramente nenhum deles. No primeiro caso, cai-se num pragmatismo falacioso, e no segundo caso, num excesso de teorização inútil.

É esse, infelizmente, na maioria dos casos, o método utilizado, na vida intelectual ou na vida prática, que toca o conjunto da vida social e cultural. Essa “esquizofrenia metodológica” rege não somente as concepções do mundo, as atividades políticas e culturais, mas exprime-se também na vida quotidiana da sociedade, colocando em evidência o abismo enorme que existe entre o dizer e o fazer, entre o pensamento e a ação, entre as idéias e as práticas.

O homem e a mulher, enquanto indivíduos ou enquanto seres coletivos, foram formados na sociedade para viver essa dicotomia de modo normal, sem questioná-la e sem se questionar. Sem tomar consciência definitivamente de que essa separação faz com que a vida (social, política, educativa e quotidiana) não possa ser vivida senão de modo estreito se ela se limitar a um dos pólos da contradição.

O processo de conhecimento — a própria vida é um processo de conhecimento — não se manifesta somente ao nível das palavras, como freqüentemente tendemos a pensar. Não se trata mais de um simples ato teórico, fundado sobre a palavra, seja ela oral ou escrita. O processo de conhecimento não se manifesta tampouco somente ao nível do ato puro, como se se tratasse de um ato absoluto, constituído de uma série de atos históricos e quotidianos. A ação de conhecer adquire uma larga dimensão, exprimindo-se através de todas as práticas quotidianas, todas as ações, quaisquer que elas sejam, de ordem econômica, familiar, política, religiosa, etc. . . ., ou ainda ao nível das idéias, imagens, ou sonhos que um povo produz.

É claro que todo processo de conhecimento é, ao mesmo tempo, teórico e prático. Trata-se de uma relação dialética, na qual se passa de um aspecto a outro de modo permanente. Ora, é absolutamente necessário que o animador compreenda que esses dois pólos, os dois extremos desta tensão, têm necessidade um do outro e existem na realidade. E que é impossível favorecer um, negligenciando o outro, sem ter dela uma imagem deformada.

Conhecer bem, conhecer para transformar, exige um esforço intelectual mas igualmente político, graças ao qual o abstrato — que faz parte da realidade — permite penetrar o concreto e inversamente. É necessário, na prática pedagógica e cultural, passar da “doxa” à “epistèmè”, isto é, da “opinião” à “compreensão”. Isto se faz através de um processo teórico e prático no qual o abstrato clarifica o concreto e inversamente, permitindo então descobrir a realidade — teórico-prática — e transformá-la.

Uma trajetória tal deve ser feita através do diálogo, mas de um diálogo real, no qual devem tomar parte todos os participantes que terão de se doar verdadeiramente ao processo de criação do conhecimento, de uma forma crítica e audaciosa.

#### b) *Paciência e impaciência*

O trabalho do animador se faz numa sociedade onde reina a diversidade, os conflitos individuais e coletivos, a luta política, a luta cultural, etc. Nessa sociedade contraditória, ele deve poder propor novas alternativas, objetivando mudar a

realidade e aceder a uma sociedade mais livre e mais democrática. Nesse processo, obstáculos políticos, culturais ou sociais vão se opor aos esforços destinados a criar essa sociedade. É, portanto, normal que surjam momentos de impaciência levando-nos à confusão e ao desespero, com graves conseqüências para a continuidade da nossa luta.

Em situação semelhante a essa pode ser preferível que o animador se retire provisoriamente do processo. Podem surgir também propostas de alternativas irrealizáveis para o momento que, em lugar de permitirem ultrapassar as contradições, não farão mais do que acentuá-las. Será necessário, então, que o animador dê prova de paciência, pois devemos compreender que não é possível avançar segundo a própria vontade, sem levar em consideração os limites de nossas capacidades, tanto intelectuais quanto práticas, nem os limites das capacidades objetivas e subjetivas do povo. Nossos sonhos possíveis e impossíveis serão realizáveis na medida em que a realidade nos permita isso e na medida em que nós sejamos capazes de preparar as condições para a mudança histórica.

É preciso, pois, fazer um esforço intelectual e prático para ultrapassar a contradição, a tensão entre paciência e impaciência. Ser paciente para não ir demasiado rápido, numa solidão heróica talvez, mas ineficaz, distanciada do conjunto da comunidade. Ser impaciente também para não aceitar a parcimônia da história, suportada como se ela fosse uma entidade exercendo uma dominação absoluta sobre nossa vontade e destino. Será preciso, pois, ao mesmo tempo, ser paciente e impaciente, para chegar a traçar nossa história e nossa vida.

#### c) *Palavra e silêncio*

O trabalho de animador se faz num mundo em conflito, no qual o saber está estreitamente ligado ao poder. Essa aliança encoraja o autoritarismo daquele que “possui” o saber e, por isso mesmo, o poder. É verdade que esse tipo de dominação é contestado, numa sociedade determinada, por outros conhecimentos e poderes ou contrapoderes que têm a tarefa de instaurar um novo conhecimento e um novo tipo de poder.

Como existe essa aliança entre saber e poder, a tendência a exercer uma dominação sobre os que são considerados como



“ignorantes” é uma tendência corrente. Uma das manifestações do autoritarismo em educação, na política ou na economia, é o ato autoritário da palavra. Esta é considerada então como pertencendo àquele que detém o saber e o poder. E o silêncio pertence a quem deve escutar a “verdade” e receber os conhecimentos transmitidos por quem “conhece”. Um possui a “cultura da palavra”, o outro, a “cultura do silêncio”.

O animador deve absolutamente lutar contra essa dicotomia já que ela é desejada e glorificada pelo poder em exercício, servindo à reprodução de um certo tipo de sociedade.

Será necessário, pois, tornar-se um democrata da palavra e do silêncio, aprendendo a escutar quando é necessário mas falar a verdade quando é preciso. Apropriar-se do domínio da palavra e do silêncio, a fim de reconvertê-los num poder capaz de dar nascimento a novos poderes, e portanto, a novos conhecimentos, para criar uma nova ordem social através da luta.

No processo educativo, a superação dessa tensão entre palavra e silêncio é absolutamente necessária. Com efeito, só essa prática permitirá aos participantes tomar parte em todas as atividades educativas e notadamente naquelas que dizem respeito às decisões no interior do processo ele próprio.

#### d) *Utopia e realismo*

É verdade que a abordagem metodológica do animador, tanto individual quanto coletivo, deve ser realista. Deve tentar compreender a realidade dialeticamente, tanto no plano teórico quanto no prático, a fim de bem captá-la e fazê-la evoluir de modo eficaz e durável. É preciso, entretanto, defender também o direito ao sonho, o direito de propor sonhos realizáveis, de modo a avançar na edificação de uma nova sociedade. Não somente admitir, mas clamar com força, que o sonho faz parte da realidade, e que ele justamente tem um papel fundamental na marcha da história, marcando-a com seu selo, enigmático, é verdade, mas gerador.

Propor sonhos realizáveis é uma tarefa importante que compete ao animador. Quer se trate do animador enquanto indivíduo (homem ou mulher), quer se trate do animador coletivo (o povo, a comunidade, o grupo, o clã, a classe, etc.).

É necessário, pois, aprender a sonhar para contribuir com isso à criação de uma sociedade real. O animador ou a animadora de um processo educacional e político teria, assim, que aprender a viver o conflito entre o realismo e a utopia, tendo sempre presente ao espírito que é preciso lutar contra a injustiça, a miséria, as dominações e as opressões.

Nos países industrializados, a luta pela paz ou por um meio ambiente melhor no mundo de inumeráveis lutas — notadamente aquela das mulheres e aquela dos negros pelos seus direitos — não são sonhos que vêm contribuindo para criar uma sociedade humana mais real?

#### e) *Pessimismo e otimismo*

Face à multiplicação e ao desenvolvimento dos conflitos, face aos obstáculos políticos inumeráveis, face também aos fracassos sociais de nossos sonhos, nossa inteligência reage às vezes conduzindo-nos ao pessimismo. Não devemos nos espantar, portanto, com que o animador, se não está habituado a controlar a tensão entre paciência e impaciência, caia, em dado momento, numa fase de pessimismo incisivo.

Felizmente, a tarefa do animador não é só uma tarefa que depende unicamente do domínio da inteligência. Tanto no homem quanto na mulher e no povo, inteligência e vontade se interpenetram. A razão não é o único apanágio do ser humano; ele possui também a vontade de sonhar e de agir, de lutar, de mudar e de renascer.

Mas mudar não significa necessariamente morrer. Mudar significa antes de tudo renascer. É possível que o animador se torne pessimista, digamos, ao nível da inteligência, mas ele deve absolutamente e obstinadamente permanecer otimista ao nível da vontade.

Essa atitude dialética é essencial para conseguir dar continuidade à luta pela edificação de uma sociedade mais democrática e mais livre. É bom repetir como o camponês brasileiro, oprimido mas consciente: “É preciso abrir portas lá onde elas ainda não existem”.